

# Introdução

*Vinícius Vieira Pereira<sup>1</sup>*



Caro leitor,

Começo esta breve introdução convidando você a refletir, atentamente, sobre nosso tempo histórico concreto, ou seja, sobre alguns fenômenos sociais da realidade atual que, de tão comuns e noticiados incessantemente na mídia em geral, tornam-se triviais em nosso dia a dia e, assim sendo, de fatos que deveriam nos incomodar, e mesmo, revoltar, assumem o status de normalidade.

Referimo-nos, por exemplo, ao aumento dos indicadores da fome e da miséria mundo afora, reflexo do crescimento extremo da desigualdade social, fato que vai

de encontro à meta de “fome zero” traçada pela Organização das Nações Unidas (ONU) até 2030; ou à escalada da violência urbana e do número de guerras e conflitos armados espalhados por várias partes do globo, ceifando milhões de vidas inocentes; ou ao aquecimento global e seus alarmantes efeitos climáticos com à destruição irrefreável da natureza e dos diferentes biomas da Terra; ao desemprego crescente, em especial, na periferia do sistema, e à precarização das condições de trabalho e de vida da classe trabalhadora; à recorrência dos movimentos de emigração coletiva, forçados pela busca das mais básicas condições de sobrevivência; ao sofrimento psíquico generalizado entre adolescentes, jovens, adultos e idosos, enquanto proliferam-se também a intolerância e os discursos segregacionistas e de ódio; paralelamente a tudo isso, assistimos à fraqueza dos Estados Nacionais frente a estes grandes desafios da contemporaneidade.

Porém, de outro lado, mas como contraface da mesma moeda, observamos passivamente o aumento do número de sócios no seletto clube dos bilionários mundiais, que passa agora a ser freqüentado também por alguns ilustres trilionários, contradição que escancara a capacidade do modo de produção capitalista de produzir, simultânea e necessariamente, riqueza e pobreza; desenvolvimento e subdesenvolvimento; imperialismo e dependência, deixando como rastro histórico a barbárie social, justamente no momento em que a hipertrofia financeira evidencia o

---

<sup>1</sup> Professor adjunto do departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e tutor do Programa de Educação Tutorial PET-Economia/Ufes.

caráter de rapina do movimento provocado por ricos empresários sobre a já famigerada população de trabalhadores pobres e miseráveis.

Assim, olhando para o processo histórico de desenvolvimento do capitalismo, pautado em transformações na forma e no conteúdo da acumulação de capital ao longo dos dois últimos séculos, às vezes pacificamente, outras nem tanto, a pergunta que se nos apresenta é: que capitalismo é esse em que vivemos hoje? Portanto, o título desta sétima edição da Revista do PET Economia UFES é um convite a você, leitor, a olhar com atenção e perspectiva crítica a sociedade em que vivemos e não se deixar conformar. Tentar entender como serão enfrentadas as graves contradições, e não disfuncionalidades, do processo de reprodução social sob a égide do capital é uma tarefa das mais urgentes. E devemos redobrar a atenção para que nossa análise não caia no vazio das proposições de estratégias de combate tão ou mais contraditórias do que o próprio processo de produção social da desigualdade em si.

Esse é o tom da crítica apresentada pelo professor do Departamento de Economia da Ufes, Dr. Gustavo Melo Cavalcanti Moura, quando instigado a responder à questão “Que capitalismo é esse?”. No Texto do Convidado desta edição, o professor nos provoca a refletir sobre a essência tautológica e contraditória do movimento histórico do capital que, em sua busca incessante pela eterna valorização do valor, deixa um rastro de destruição e morte, seja sobre a população trabalhadora, sobre a natureza e mesmo sobre a própria vida em nosso planeta, ao subverter as relações humanas e sociais, transformando-as em meras estratégias de ganhos, competição e espoliação. Em O capital entre o eterno retorno e a desmedida, o professor utiliza a crítica da economia política não apenas para denunciar a barbárie do capitalismo contemporâneo, mas, principalmente, para destacar o imperativo de se compreender crítica e profundamente as relações sociais vigentes e, a partir da negação destas, apontar um caminho alternativo.

Também atentos e inconformados com alguns fenômenos e comportamentos sociais que refletem o atual momento do capitalismo no Brasil e no mundo, os bolsistas do PET Economia UFES, com acurada visão crítica, produziram suas Resenhas Econômicas para esta edição visitando os mais variados temas que vêm se destacando na imprensa e nas redes sociais. Assim, Bruna e Naomi denunciam a proliferação de discursos misóginos e masculinistas que infestam as redes sociais virtuais, em tempos de avanço da extrema-direita no Brasil e no mundo, a partir de canais especializados em disseminar ódio, desinformação e uma série de preconceitos contra o chamado empoderamento feminino, especialmente, quando o alvo são as mulheres negras. Por sua vez, Arthur e Matheus Maia nos mostram que, enquanto o endividamento das famílias e o desemprego resistem na sociedade brasileira, e os bancos privados batem recordes sucessivos de arrecadação, algumas comunidades têm buscado por alternativas coletivas e solidárias com o intuito de fugirem dos exorbitantes juros cobrados pelo sistema bancário oficial do país a partir da criação dos

chamados bancos comunitários, ou dos fundos solidários, uma válvula de escape para a nociva condição de dependência das famílias de baixa renda em relação ao Sistema Financeiro Nacional. Não bastassem os graves problemas sociais a serem enfrentados em nosso país, a incerteza provocada pelo atraso na realização da pesquisa estatística do Censo Demográfico 2020, cuja divulgação, em virtude da pandemia, estava marcada para 2022, chamou a atenção de Nicolas e Bruna, que alertam para a ausência de bom senso do governo anterior quando o assunto é o Censo, afinal, trata-se de uma das mais importantes ferramentas de gestão pública e um dos principais estudos balizadores das políticas econômicas e sociais de um país. Já Elóra e Maria Luiza voltam os olhares para as transformações no mundo do trabalho provocadas pelas mudanças no capitalismo, em uma era marcada pelo neoliberalismo, salientando as conseqüências comportamentais e os dilemas intergeracionais desse processo sobre uma população jovem que é levada a acreditar que problemas como desemprego, insegurança e incerteza nos rendimentos do trabalho devem ser resolvidos por meio de ações ou escolhas individuais. Enquanto isso, a educação é o lócus da preocupação dos petianos Julia e Henrique, os quais debatem a chamada reforma do Novo Ensino Médio, proposta pelo governo federal em 2017, mas suspensa em 2023 devido aos enormes problemas e desafios que a realidade concreta do ensino no país impõe à implementação das alterações propostas no texto original. Outro movimento excludente observado no capitalismo contemporâneo, e analisado criticamente por Isabela e Matheus Leopoldo, diz respeito ao avanço do processo de gentrificação, ou elitização e segregação socioespacial urbana, que beneficia a parte mais abastada da população por meio da valorização imobiliária, assim expulsando moradores originais, excluindo as populações de baixa renda do uso de áreas e equipamentos públicos e, ainda, contribuindo enormemente para o agravamento da desigualdade social. E encerrando a seção de Resenhas Econômicas, Breno e Diogo mostram como o capital tem invadido novos espaços e criando novos mercados mundiais, a exemplo do futebol, uma paixão mundial, que agora passa a servir aos propósitos de empresas, organizações, e até mesmo governos, os quais se utilizam da popularidade desse esporte para limpar ou melhorar suas reputações frente à comunidade global, estratégia esta que vem sendo denominada de sportwashing.

Destaca-se, portanto, o caráter crítico das resenhas escritas por estes jovens que buscam entender que tipo de capitalismo é esse em que vivemos. Em um processo histórico pautado na derrubada paulatina de todo e qualquer obstáculo à conquista de lucros, o capital avança sobre as arenas mais diversas da vida humana, mercantilizando tudo, seja a cultura, o esporte, o lazer urbano, o entretenimento, o mundo do trabalho, a educação, a moradia, a saúde, etc.

Para manterem seus ganhos e a reprodução do processo de acumulação de capital na contemporaneidade, sem percalços ou interrupções, os capitalistas não se acanham de lançar mão de mecanismos bárbaros e cruéis de exploração do trabalho. Característicos da infância desse modo de produção, e que acreditávamos que já fizessem parte de um passado histórico longínquo e

primitivo do capitalismo, tais mecanismos reaparecem na contemporaneidade, mantendo a mesma essência, porém sob nova roupagem. Referimo-nos aqui à escravidão e esse é o tema da seção Diz aí Economista, em forma de entrevista, no qual os petianos Henrique e Diogo batem um papo com o professor Dr. Rafael Moraes, do Departamento de Economia da Ufes. Em uma conversa que resgata o passado colonial brasileiro e a escravização dos negros no país, o debate se pauta em torno da mais nova (ou velha?) forma de exploração do trabalho humano, a qual tem se tornado bastante comum na atualidade da periferia capitalista, a chamada escravidão contemporânea. Não deixe de conferir!

Na seção de artigos, os trabalhos escritos pelos estudantes do PET Economia Ufes tocam em dois graves problemas da economia brasileira na atualidade. Com o título Reality Shows: Conquistando a tela e o coração, a precarização das relações de trabalho ganha destaque no texto produzido pelos petianos Elóra Travezani e Matheus Maia, em coautoria com o também estudante de Ciências Econômicas, Thiago Petralho. Lançando um olhar atento sobre os atuais e populares programas de televisão do tipo reality show, os autores fazem uma análise crítica desse fenômeno do entretenimento televisivo na sociedade contemporânea. Utilizando os exemplos do Big Brother Brasil, A Fazenda e Masterchef Brasil, a intenção é a de mostrar como esse formato de programa, produzido e exibido na televisão aberta, atua como ferramenta de legitimação das condições precarizadas do mercado de trabalho no Brasil e perpetuam um comportamento social pautado na competição e na busca incessante pelo sucesso individual, características marcantes dessa era neoliberal em que vivemos.

E o avanço das políticas neoliberais no Brasil durante os anos 1990 é o tema tratado pela petiana Bruna Cavati Rossi, a qual busca responder, em seu artigo intitulado Década de 1990: políticas neoliberais e a economia brasileira, se tal guinada para o neoliberalismo teria colocado nossa sociedade mais próxima, ou mais distante, do tão sonhado desenvolvimento econômico e social. Revisitando algumas das principais políticas econômicas dos governos Collor e FHC, numa década marcada pelas aberturas comercial e financeira, pelas privatizações e pelo Plano Real, a autora faz uma análise crítica da adesão incontestada do país às recomendações de Washington e dos desdobramentos desse processo sobre o PIB, o emprego, a dependência e a vulnerabilidade externas e o dinamismo interno da economia brasileira.

Como de praxe, a seção Conheça seu PET joga luz sobre mais um de nossos pares, desta vez, é o PET Economia da Universidade de Brasília. Contando um pouco da história de seu programa, que se confunde com a própria idealização do ensino tutorial no Brasil, os petianos da UNB apresentam algumas de suas atividades, com destaque para os debates sobre a conjuntura econômica, o incentivo à produção científica e a integração com a comunidade acadêmica. Além de privilegiar a troca de experiências e preocupações entre jovens petianos de diferentes cursos e universidades

brasileiras, essa seção é o resultado do esforço empreendido pelo PET Economia Ufes para conhecer um pouco mais os outros grupos PET do Brasil, visando sempre a busca pelo fortalecimento do Programa de Educação Tutorial em nosso país.

Portanto, caro leitor, a partir das preocupações, da pesquisa cuidadosa e da perspectiva crítica apresentada pelos petianos e demais autores convidados que enriquecem esta sétima edição de nossa revista, esperamos ter lançado aqui a semente do inconformismo, na esperança de que ela germine e prolifere esse sentimento na coletividade. Somente assim, nos sentiremos fortes para enfrentar as graves contradições e conflitos que marcam a realidade do capitalismo contemporâneo e para buscar novas formas de vida e produção em sociedade que sejam, verdadeiramente, emancipadoras.

Boa leitura!